DO CUIDADO AO DIREITO À FOLIA

O carnaval é considerado uma das maiores festas populares do mundo e, como em todo contexto de celebração popular, as substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas ocupam um papel importante no prazer e divertimento dos foliões. Mas e se esta festa, tão especial para os brasileiros, pudesse ser, também, uma forma de cuidado às pessoas que fazem uso prejudicial de álcool e outras drogas?

A partir da observação do território da cidade de Jundiaí (SP) pela equipe de redução de danos do CAPS AD, notamos um aumento significativo do consumo de substâncias pela população em geral nos períodos de festividades, como na Festa Junina e Julina, na Páscoa, no Natal, no Carnaval, entre outros.

Observamos, também, a intensificação do consumo pelas pessoas que estabelecem um uso prejudicial de substâncias, tendo como pano de fundo o sofrimento que as datas comemorativas despertavam. A dinâmica do território expressava relações de exclusão, poder, humilhação social e violências comunitárias, institucionais e de Estado a estas pessoas, evidenciando que haviam corpos autorizados a ocupar os espaços de festas e corpos excluídos, estigmatizados e silenciados.

Nos momentos de convivência e escuta aos usuários, surgiam lembranças afetivas relacionadas às festas, que contavam, em tom saudosista, histórias adormecidas. Portanto, como uma estratégia de resgate afetivo dessas recordações e tradições, foi criado coletivamente o "Bloco de Carnaval Batuque Beleza", a partir de encontros entre os trabalhadores e usuários do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas III (CAPS AD III) Maluco Beleza.

Para colocar em prática esta intervenção, os trabalhadores realizaram articulações com o tradicional centro cultural negro do bairro central, o Clube 28 de Setembro, que cedeu sua sede e instalações para a realização de oficinas de carnaval. Nestas oficinas foram produzidas fantasias, adereços, estandartes, ensaios da bateria e musicalização. Observamos, logo nos primeiros encontros, os impactos de realizá-los ambiente do Clube, que reavivou lembranças e raízes dos usuários relacionadas à frequência do espaço e deslocou o papel social estigmatizado do usuário de substâncias para os papéis de "carnavalescos", "foliões", "músicos", "costureiros", entre outros.

Ao longo do processo, foi possível a criação de um espaço diverso de acolhimento à expressão artística, convivência e corresponsabilidade coletiva, sendo fortalecidas relações de amizade, pertencimento social, cultural, além da criação de um novo sentido à festa e ao uso prejudicial de substâncias.

Assim, o grupo se ampliou. Aos poucos surgiam pessoas novas nas oficinas e a movimentação despertava curiosidade aos que estavam próximos. Foram realizados convites a outros serviços da RAPS, como: CAPS II, CAPS III e Unidades de Acolhimento. Além disso, serviços da política de HIV/aids como o Ambulatório de Moléstias Infecciosas e o Centro de Testagem e Aconselhamento compuseram partes da experiência juntamente a equipes de Unidades Básicas de Saúde.

Foram realizadas, ainda, articulações fora da política da saúde com equipamentos da Assistência Social e com o setor de transporte da Prefeitura Municipal de Jundiaí, para solicitação de carros de apoio. Nesta busca por parcerias, iniciativas comunitárias de

samba como a Escola de Samba Império da Maringá participaram integralmente do processo. Então, o bloco, que inicialmente era voltado ao público do CAPS, contava com a presença de 100 pessoas em seu desfile final, tornando-se destaque no jornal da cidade.

As iniciativas de geração de trabalho e renda da rede Colméia Economia Solidária também entraram na folia com o desenvolvimento de camisetas personalizadas com o nome do Bloco. Estas camisetas foram compradas pelos foliões e cedidas gratuitamente para os usuários, garantindo, assim, a renda mais expressiva do grupo de trabalho Trilhando Silk, que fez as estampas e a arte.

Posteriormente, a parceria com a escola de samba trouxe integrantes para a composição da bateria e direção rítmica do nosso bloco, sendo realizado o convite para a formação de uma Ala da Saúde Mental na escola para os próximos anos, bem como apoio na elaboração de uma oficina de composição musical para a criação de sambas e marchinhas autorais.

A partir da parceria com a equipe da Unidade de Acolhimento foram propostas participações em eventos do Clube 28 de Setembro, que promove rodas de samba, forró etc. O clube passou a ter como parte de seu público figuras que nunca o haviam frequentado ou, mesmo residindo a vida toda na cidade e sendo majoritariamente negros ou pardos, tinham deixado de ver sentido no investimento em momentos de descontração, lazer, apropriação cultural e resgates da identidade étnico-racial.

Próximo à data do bloco, foram preparados alimentos e bebidas que serviram como insumos de redução de danos à festa, então, trabalhadores e usuários prepararam frutas e água na cozinha, e produziram geladinhos para hidratação e contorno ao clima quente. Estes e outros insumos, como preservativos, testes rápidos para IST, kits de redução de danos para uso de substâncias e outros itens de prevenção em saúde compuseram a tenda de redução de danos montada por uma equipe multidisciplinar e intersetorial no local da concentração, que ocorreu em um Ginásio de Esportes da cidade.

Durante as oficinas, o desfile e a festa percebemos que as substâncias ficaram em segundo plano, cedendo lugar à alegria, ao pertencimento social, às relações de amizade, apoio entre pares e ao direito à cidade. Notamos, portanto, que havia se construído uma intervenção cidadã em saúde mental.

Parafraseando os integrantes, obtivemos como resultado das ações “uma alegria que não vivia há muito tempo”. Sentimos no som do repique, do pandeiro e do tamborim que ecoava nos gogôs e corações dos foliões: a Redução de Danos tem seu lugar no Carnaval!

Atualmente, o Bloco Batuque Beleza já se prepara para o próximo Carnaval, e a luta segue para a ocupação de espaços da cena cultural da cidade, juntamente a outros blocos, e em busca da diminuição das barreiras de acesso aos direitos humanos dos usuários de serviços de saúde mental. Por um Carnaval inclusivo, antimanicomial e antiproibicionista!

Texto por Ana Luiza Green Souza e Fausto Leandro Cavalcante Nicolau.